

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NAS CAPAS DA REVISTA VEJA: DISCURSO E VALORAÇÃO

DIALOGICAL RELATIONSHIPS IN VEJA MAGAZINE COVERS: DISCOURSE AND APPRAISAL

Aprígio Francisco da Silva Júnior¹
Maria Gislaine Mirele de Lima²

RESUMO: Este artigo objetiva, sob a perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas contemporâneas em Análise Dialógica de Discurso, analisar as relações dialógicas no gênero *capa de revista* da esfera social do jornalismo, especificamente do jornalismo de revista impresso. Para tanto, selecionamos 10 (dez) exemplares do gênero publicados na revista impressa *Veja*, de setembro de 2010 a fevereiro de 2011 e os analisamos à luz dos pressupostos teóricos acerca do texto-enunciado e das relações dialógicas. Acreditamos que o estudo apresenta-se relevante, à medida que não apenas colabora para o desenvolvimento de pesquisas sobre gêneros jornalísticos no campo da Linguística Aplicada, como também contribui para a consolidação de investigações bakhtinianas nessa área científica.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; relações dialógicas; capa da revista *Veja*

ABSTRACT: *This paper aims at analyzing the dialogical relationships in journalistic magazine covers based on Bakhtin's Circle works and the contemporary Dialogical Discourse Analysis studies. To do so, we have selected 10 (ten) instances from the genre published by Veja Brazilian magazine. We understand that this investigation is relevant, because it does not only collaborates to the development of researches concerning the discourse genres in Applied Linguistics field, as well as it contributes to the consolidation of bakhtinian perspective in this scientific domain.*

KEY-WORDS: *Bakhtin's Circle; dialogical relationships; Veja magazine cover*

¹ Acadêmico de Letras-Português – CERES/UFRN.

² Acadêmica de Letras-Espanhol – CERES/UFRN.

Introdução

Nesta pesquisa entendemos que o uso da linguagem ocorre por meio de gêneros discursivos que regularizam as práticas que desenvolvemos em sociedade. Além disso, adotamos como entendimento as ideias do Círculo de Bakhtin quando afirma que os gêneros são historicamente situados, culturalmente construídos e ideologicamente saturados. As relações dialógicas, fato real que constitui a natureza da linguagem e que, nesta pesquisa, apresenta-se como objeto da nossa investigação.

Os gêneros do discurso medeiam as nossas interações. A partir disso, várias pesquisas atuais em Linguística Aplicada procuram compreender o funcionamento e a constituição dos gêneros sob várias perspectivas teórico-metodológicas (BAZERMAN, 2005; MEURER, BONINI E MOTTA-ROTH, 2005; MARCUSCHI, 2008; ACOSTA-PEREIRA, 2008; ACOSTA-PEREIRA & RODRIGUES, 2009; SWALES, 1990), buscando entender como os gêneros significam, regularizam e relativamente estabilizam nossas práticas sociais.

Neste artigo, objetivamos estudar as relações dialógicas presentes nas capas de revista *Veja*. Para isso, pretendemos apresentar discussões teóricas bakhtinianas sobre texto-enunciado e dialogismo. O artigo está organizado em cinco seções: a introdução, apresentando os pressupostos iniciais acerca do artigo. Na segunda seção, apresentamos o referencial teórico amparado na proposta dos escritos do Círculo de Bakhtin e da Análise Dialógica de Discurso. Na terceira seção, expomos a metodologia utilizada para o artigo, assim como contextualizamos a revista utilizada para compor o *corpus* da análise. Na quarta seção, apresentamos os resultados obtidos da análise e, por fim as considerações finais.

2 A concepção de texto-enunciado na perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin

Bakhtin (2003) e o Círculo procurando, dentre outras questões, apresentar contribuições para uma filosofia da linguagem, elaboram a definição de *enunciado*, afirmando ser a unidade concreta da comunicação verbal, de caráter único e irreiterável. O discurso materializa-se na forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva

peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo, limites absolutamente precisos. (BAKHTIN, 2003, p. 274). O indivíduo ainda que pronuncie a mesma sentença por diversas vezes, sempre será um novo acontecimento, um novo enunciado, à medida que este ocupará um novo lugar no espaço e no tempo.

Podemos afirmar que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, que se efetua, como dito, na forma de enunciados orais e escritos (podemos ainda acrescentar, de outra manifestação semiótica), unidades significativas concretas que medeiam nossas práticas de interação. Para Bakhtin (2003), o enunciado é visto como um elo na cadeia de comunicação, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, por seu conteúdo temático e estilo de linguagem, e acima de tudo, por sua construção composicional.

Em adição à compreensão da definição de enunciado, Bakhtin, (2003), discute as características constitutivas do enunciado, que lhe conferem o estatuto de unidade real da comunicação discursiva: (a) a alternância dos sujeitos discursivos; (b) a conclusibilidade; (c) a expressividade.

A primeira, apontada como uma peculiaridade do enunciado é o que determina os limites precisos do enunciado, nas mais diferentes situações de comunicação discursiva. O nosso dizer é a reação-resposta a outros enunciados já ditos antes. Bakhtin explica que o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes (BAKHTIN, 2003, p. 275).

O autor aponta como segunda peculiaridade constitutiva do enunciado a conclusibilidade, vinculada à alternância dos sujeitos do discurso e à possibilidade de resposta, que, por sua vez, depende da inteireza acabada do enunciado. A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 280) e se constitui por meio da confluência entre o conteúdo semântico-objetal, o projeto de discurso do falante e as formas típicas de gêneros do discurso.

Em cada enunciado, da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do falante, que determina o todo

do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa idéia verbalizada, essa vontade verbalizada é que medimos a conclusibilidade do enunciado. (BAKHTIN, 2003, p.281)

A vontade do falante se realiza antes de tudo na escolha de certos gêneros discursivos, plausíveis à situação comunicacional e coerentes à discursividade do conteúdo semântico-objetual. Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Os enunciados não são indiferentes entre si, nem se bastam cada um a si mesmo, uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros (BAKHTIN, 2003, p.297.)

A última característica do enunciado apontada como a expressividade, é relação do enunciado com seu autor e com os demais participantes da comunicação discursiva. Bakhtin (2003) usa a metáfora do “elo na cadeia de comunicação discursiva” nos mais diversos campos da atividade humana, para caracterizar a relação de um enunciado com os enunciados que o precedem e com os que sucedem. Os enunciados se conhecem, refletem entre si e trazem ecos e ressonâncias de outros enunciados da mesma ou de outra esfera discursiva. Nesse sentido, cada enunciado é sempre uma resposta, que “rejeita, confirma completa, baseia-se” nos enunciados existentes, isto é, leva-os em conta na constituição (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Para Bakhtin (2003), o enunciado, como totalidade discursiva, não pode ser considerado como unidade do último e superior nível do sistema da língua, pois parte de um mundo totalmente diferente, o das relações dialógicas, que não podem equiparadas às relações linguísticas dos elementos no sistema da língua. Portanto, o elemento expressivo é uma peculiaridade constitutiva do enunciado, uma vez que o sistema da língua dota formas necessárias para emitir a expressão.

É nesse aspecto que pode ser compreendido o conceito de enunciado, que vai além da esfera dessa materialidade que caracteriza o texto. Para o autor, um texto torna-se enunciado a partir do momento em que há uma idéia (intenção) e a realização dessa intenção em realidade concreta (BAKHTIN 2003, p.308.). O discurso, em termos bakhtinianos, assume um caráter social, realizado sempre em um determinado contexto histórico-social linguisticamente mediado.

3 Os gêneros do discurso

“Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Como já discutido, segundo Bakhtin (2003), a utilização da linguagem se dá através de enunciados (orais ou escritos) concretos, irreiteráveis e heterogêneos que são proferidos pelos sujeitos do discurso. Cada campo discursivo elabora os seus enunciados que lhes são típicos, isto é, cada campo elabora gêneros do discurso, que, para Bakhtin, são “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262, grifo nosso) que estão circunstanciados num contexto sócio-comunicativo determinado, sócio-historicamente situado, sócio-culturalmente constituído.

Bakhtin ao considerar a relativa estabilidade dos gêneros nos diz que estes não são formas herméticas e assim dá relevo à sua historicidade. Sendo assim, é compreensível o caráter plástico dos gêneros, posto que são produtos sociais capazes de, em conjunto com a sociedade, receberem uma nova configuração haja vista à dinamicidade das atividades humanas que estão em contínua ressignificação. “Desse modo, Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança; reiteração (à medida que aspectos da atividade recorrem) e abertura para o novo (à medida que aspectos da atividade mudam)” (FARACO, 2009, p. 128).

Assim como as normas gramaticais organizam as relações lógicas entre os elementos do sistema, de modo semelhante, mas não igual, os gêneros discursivos normatizam os diversos modos que os sujeitos do discurso utilizam a linguagem. Para se compreender a constitutividade dos gêneros, deve-se voltar um olhar para as diversas esferas sociais nas quais estes *dizeres típicos* se engendram, pois não se fala no vazio, mas toda forma de dizer está atrelada às esferas do agir.

Os diversos campos de comunicação são multiformes, efetuando-se em forma de enunciados, irrepitíveis em qualquer interação humana. Como coloca Rodrigues (2001, p.42), Bakhtin observa que, apesar da imensa variedade e heterogeneidade dos gêneros do discurso, que os diferenciam uns dos outros, reflexo das possibilidades inesgotáveis da atividade humana, das condições e das diferentes funções das esferas sociais, todos possuem um traço que os une, que é

a sua natureza verbal (linguagem) comum. Eles são tipos de enunciados relativamente estáveis e normativos, que se constituíram historicamente e, dessa forma, compartilham das propriedades sócio-discursivas dos próprios enunciados, mantendo, como eles, uma relação direta com a dimensão social. Na interação verbal, eles funcionam, então, como formas típicas e normativas do ponto de vista temático, estilístico e composicional para a construção do enunciado.

Bakhtin (2003) argumenta que:

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. *Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível* (BAKHTIN, 2003, p. 283, grifos nossos).

Após termos apresentado discussões pertinentes a gêneros discursivos, que são formas singulares de uso da linguagem e do agir social, direcionamos a nossa atenção para a questão do dialogismo, que se mostra como o cerne da realidade do discurso.

4 As relações dialógicas

Conforme explica Bakhtin (2003), as relações dialógicas são de índole específica, ocorrem no âmbito do discurso e não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas, nem linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso. “Onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas; estas não podem existir entre objetos ou entre grandezas lógicas” (BAKHTIN, 2003, p. 323). Dessa forma, as relações dialógicas somente ocorrem à luz do discurso, isto é, na linguagem em uso, em ato concreto de comunicação; marcando, determinando

a posição de sujeitos sociais, no momento de interação. De modo contrário, as referidas relações não são percebidas no enfrentamento linguístico tradicional, ou seja, na interpretação dos constituintes do sistema da língua.

Nessa perspectiva, Faraco (2009), ao avaliar os pressupostos do Círculo de Bakhtin sobre o dialogismo, afirma: “para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*” (FARACO, 2009, p. 66, grifos do autor).

A leitura de “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (1929) confirma que, do ponto de vista da construção dos sentidos, todo discurso é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana como essencialmente dialógico. Esse reconhecimento é fundamental para o leitor na constituição do sentido e fundamenta a concepção interacionista de linguagem, em que o sentido constrói-se ativamente através das múltiplas posições semânticas e valorativas.

Bakhtin (2003) retoma o conceito de dialogismo e o valor duplo da palavra, ou seja, por um lado, palavra no sentido de unidade lexical e, por outro, no sentido de encadeamento de ideias, como unidade de enunciação. As palavras, no primeiro sentido, são unidades da língua; enquanto os enunciados, por outro lado, são unidades reais de comunicação. Por isso, o enunciado é irrepetível e singular; é determinado pela realidade dialógica. Vale mencionar o pensamento de Bakhtin, destacando que o enunciado não existe fora do dialogismo, pois este consubstancia sua constitutividade e funcionamento:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Desse modo, o autor nos esclarece que dialogismo não se confunde com interação face a face, isto é, o dialogismo não se reduz ao diálogo como forma composicional. O diálogo é uma

das manifestações do dialogismo. Em segundo, não há dois “dialogismos” entre interlocutores e entre discursos. O dialogismo em Bakhtin sintetiza-se em dois sentidos: é o modo de funcionamento real da linguagem e, portanto, é seu princípio constitutivo; e é uma forma particular de composição do discurso.

Em “Problemas da Poética de Dostoiévski” (1929), Bakhtin (2008, p. 208) refere-se às relações dialógicas como objeto da metalinguística. No que diz respeito à linguagem como objeto de estudo da linguística, ou seja, a língua vista como sistema, o autor afirma que nela não há relações dialógicas, pois as mesmas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua. Ainda de acordo com Bakhtin, não pode haver relações dialógicas entre os textos - também sob uma perspectiva estritamente linguística, pois “qualquer confronto puramente lingüístico abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais” (Bakhtin, 2008, p.209).

Assim, as relações dialógicas são extralingüísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2008, p.209, grifo do autor).

Concomitantemente, para que as relações lógicas se tornem dialógicas, devem materializar-se, ou seja, devem tornar-se discurso. O autor ainda pontua que estas relações são possíveis entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado (BAKHTIN, 2008, p.210), desde que entendido/tomado como a totalidade do enunciado. Como já dito, Bakhtin (2003, p.326) aponta o enunciado como algo novo, criado singularmente. Como enunciado é sempre dialógico.

O autor diz:

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes das matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (BAKHTIN, 2003, p.330).

Em síntese, entendemos as relações dialógicas como caracterizadoras do fenômeno da linguagem humana. Estas só ocorrem quando marcam a posição valorativa de um sujeito enunciador do discurso em relação a outros enunciados: podendo aderir, complementar, refutar, silenciar, etc. Direcionamos agora a nossa discussão para os fatores metodológicos que norteiam a nossa pesquisa apresentando discussões acerca do (a) método sociológico de análise da língua, (b) a proposta da Análise Dialógica do Discurso, (c) e a contextualização dos dados que compõem o *corpus* da pesquisa.

5 O método sociológico de análise da língua

O presente estudo, com vistas a compreender as relações dialógicas presentes nas capas de revista *Veja*. Busca seguir os princípios metodológicos de análise da linguagem apontados por Bakhtin (1988, p.124):

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realizam.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Com isso, pretendemos investigar as relações dialógicas que se constroem no *gênero capa de revista*, especificamente, da revista *Veja*, versão impressa a partir dessas diretrizes. Além disso, compreendemos que, para um estudo de gênero discursivo que busca seguir os pressupostos dos escritos do Círculo de Bakhtin e da Análise Dialógica de Discurso, o pesquisador não irá dispor de categorias pré-estabelecidas para a análise de seus dados, mas sim este deve percorrer “um caminho exaustivo de ‘idas e vindas’ acerca do *corpus*, haja vista seu caráter heterogêneo, polifônico, pluriestilístico, interdiscursivo e dialógico” (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 217), ou seja, devem-se compreender as regularidades que se apresentam no próprio gênero.

Brait (2006, p. 13-14) explica que a Análise Dialógica do Discurso objetiva, através de uma perspectiva discursiva,

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade lingüística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.

“Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]” (BRAIT, 2006, p. 14). As diferentes formas de conceber ‘enfretamento dialógico da linguagem’ constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

Após breve discussão sobre o método sociológico de análise da linguagem, passaremos à seção na qual apresentaremos (a) considerações acerca da revista *Veja* e (b) informações sobre os dados que compõem o *corpus* da nossa análise.

6 Contextualização da revista *Veja*³ e dos dados de pesquisa

A pesquisa se iniciou no momento da escolha do *corpus* a ser analisado, no nosso caso, as capas da revista *Veja*. Para efeitos metodológicos, à luz das relações dialógicas, se procederá à análise da dimensão verbo-visual das capas do referido periódico, consoante com o que propõem Bakhtin e seu Círculo (1988) no método sociológico de análise da língua. Elegemos a revista *Veja* pela representatividade sócio-jornalística que assume, por atingir um alcance nacional e por abordar temas diversos, a saber: política, economia, notícias internacionais, artes, etc.

³ Parte das informações contidas nesta seção foi adquirida na pesquisa de Silva (2009).

De acordo com Augusti (2005), a revista *Veja* foi lançada no dia 11 de setembro de 1968 e trazia estampada na sua primeira capa o símbolo do comunismo, a foice e o martelo com um plano de fundo vermelho, com a manchete: ‘O grande duelo do mundo comunista’. O seu idealizador foi Roberto Civita. À época de seu lançamento, o nome da revista era *Veja e leia*. O veículo de notícias seguia os padrões do jornalismo americano, posto que seu fundador estudou por vários anos nos Estados Unidos. De acordo com Vilas Boas (1996), citado por Silva (2009):

Desde sua primeira publicação, a revista passou por altos e baixos, tais como queda nas vendas e o período de ditadura militar, que foi um momento restritivo à imprensa de modo geral. Nos anos 90, a *Veja* alcançou a posição de revista informativa semanal de maior circulação nacional [...]. (SILVA, 2009, p. 21).

A ótica pela qual são veiculadas as notícias e os assuntos que são considerados importantes pela instituição é considerada, como pontua Vilas Boas (1996), espetacular e sensacionalista.

Seguem alguns dados numéricos da revista *Veja* extraídos do seu site institucional:

- Perfil do leitor⁴:

Sexo: Masculino – 46% e Feminino – 54%

Idade: 2-9: 0 %

10-14: 3%

15-19: 10%

20-24: 12%

25-34: 20%

35-44: 22%

45-49: 10%

Acima de 50: 23%.

Classe social: A – 23%, B – 49%, C – 24%, D – 3%, E – 0%.

Região: Norte: 4%, Nordeste: 14%, Sudeste: 58%, Sul: 15%, Centro Oeste: 9%.

- Circulação:

⁴ Disponível em: < <<http://publicidade.abril.com.br/marcas/Veja/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

Tiragem: 1.215.874

Circulação líquida: 1.089.687

Assinaturas: 927.096

Avulsas: 162.591

Depois de termos apresentado ao leitor informações institucionais sobre a revista utilizada para compor o *corpus* do presente trabalho, passaremos a expor as especificidades dos dados que constituem o material de análise.

O *corpus* da pesquisa é composto por 10 (dez) exemplares da revista *Veja*, de edição hebdomadária, sempre com um novo número às quartas-feiras. O fato de a revista apresentar curta periodicidade de circulação garante uma diversidade de temas e exemplares para análise. Para esta pesquisa, foram utilizadas revistas cujas capas trazem como manchete principal fatos referentes às temáticas acerca de política, violência e saúde/bem-estar.

Utilizamos os seguintes exemplares:

MANCHETE PRINCIPAL	EDIÇÃO	ANO E NÚMERO DA REVISTA	DATA DA PUBLICAÇÃO
<i>O mostro do radicalismo C (01)</i>	2173	Ano 43; nº28	14 de jul. 2010
<i>A pesca dos indecisos C (02)</i>	2178	Ano 43; nº33	18 de ago. 2010
<i>O partido do polvo C (03)</i>	2181	Ano 43; nº36	08 de set. 2010
<i>Exclusivo: o polvo no poder C (04)</i>	2182	Ano 43; nº37	15 de set. 2010
<i>A alegria do polvo C (05)</i>	2183	Ano 43; nº38	22 de set. 2010
<i>O primeiro super-herói brasileiro C (06)</i>	2190	Ano 43; nº45	10 de nov. 2010
<i>Investigação especial C (07)</i>	2191	Ano 43; nº46	17 de nov. 2010
<i>O dia em que o Brasil começou a vencer o crime C (08)</i>	2193	Ano 43; nº48	01 de dez. 2010
<i>O “QI” da beleza C (09)</i>	2199	Ano 44; nº02	12 de jan. 2011
<i>Remédios para emagrecer: por que é ruim proibir C (10)</i>	2205	Ano 44; nº08	23 de fev. 2011



C (01)



C (02)



C (03)



C (04)



C (05)



C (06)



C (07)



C (08)



C (09)



C (10)

Em síntese, esta seção procurou apresentar informações ao interlocutor acerca do método sociológico de análise da língua proposto por Bakhtin e o Círculo, bem como a proposta da Análise Dialógica do Discurso. Ainda apresentamos os dados das revistas utilizadas para esta pesquisa. É oportuno pontuar que o objetivo desta pesquisa é apresentar a análise das relações dialógicas que se engendram nas capas da revista *Veja*, versão impressa.

7 O objeto do discurso das capas da revista *Veja*

Bakhtin (2003, p. 261) explica que o enunciado reflete as condições próprias das esferas discursivas pelo seu conteúdo temático, estilo e composição característicos. Com isso, direcionemos a nossa discussão para questões referentes ao tema. Os eixos temáticos que constituem o objeto do discurso das capas analisadas estão circunstanciados em três óticas: política, violência e saúde/bem-estar. As capas, na sua manchete principal, orientam-se para discussões referentes a:

(1) Radicalismo dentro do PT – ressalta posicionamentos conservadores dentro do partido.

Ex: “A fera petista que Lula domou agora desafia a candidata Dilma”. C (01)

(2) Campanha eleitoral – ressalta as estratégias dos marqueteiros dos candidatos à presidência da República para conseguir o voto dos eleitores que estão indecisos.

Ex: “A pesca dos indecisos no horário político na TV”. C (02)

(3) Corrupção no governo do PT – trazendo fatos sobre escândalos e facilitações para empresários que utilizam de tráfico de influências para lograr êxito e milhões em contratos com o governo. Também quebra de sigilo fiscal de familiar de candidato opositor.

Ex: “O polvo no poder: empresário conta como obteve contratos de 84 milhões no governo graças à intermediação do filho de Erenice Guerra, ministra-chefe da Casa Civil [...]”. C (04)

“A quebra do sigilo fiscal da filha de José Serra é sintoma do avanço tentacular de interesses partidários e ideológicos sobre o estado brasileiro”. C (03)

(4) Combate ao crime; filmes com a violência como temática – ressalta uma operação empreendida pela Polícia do Rio de Janeiro para dismantelar o tráfico de drogas.

Ex: “Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2010: O dia em que o Brasil começou a vencer o crime”. C (08)

(5) Os meios da ciência para promover a saúde e a beleza – traz os fatores que a ciência descobriu sobre a beleza; traz também a problemática da venda de remédios para emagrecer.

Ex: “O QI da beleza: a ciência já sabe como avaliar e ativar os fatores biológicos e comportamentais que determinam a aparência e a saúde”. C (09)

“Remédios para emagrecer: por que é ruim proibir a venda”. C (10)

Dos horizontes temáticos supra expostos, fica a evidência que o gênero capa de revista

impresa é constituído por grande variabilidade temática, posto que a instituição não se limita a publicar ordinariamente acerca de linha temática única.

O projeto discursivo das capas está determinado pelas condições sociais de interação: relação entre autor e público leitor em potencial, pelo objeto do discurso – relevância temática e pela esfera social. Nesta situação de interação, o autor do discurso, neste caso a instituição jornalística, o constitui perpassado por posições axiológicas e projeta seu leitor (constrói uma visão ou uma posição de leitor ideal, isto é, arquiteta um leitor previsível para seu querer-dizer) e se apropria de sentidos plausíveis e coerentes à situação e seu projeto.

Os temas abordados são considerados relevantes e atendem aos interesses de um público receptor potencialmente escolarizado, posto que a maioria dos leitores de *Veja*, 72%, engaja-se nas classes A e B. Nota-se um viés ideológico crítico, sobretudo no referente à política, quando as capas trazem denúncias referentes à corrupção, demonstrando a linha de direita que segue a revista e o seu pensamento refratário ao do governo.

Após termos apresentado o conteúdo temático que constitui o objeto do discurso da revista *Veja*, volvemos a nossa discussão para a análise das relações dialógicas apresentadas no gênero capa de revista.

8 As relações dialógicas nas capas da revista *Veja*

Na análise realizada, identificamos relações dialógicas que constituem o funcionamento do gênero capa de revista:

(a) entre enunciados de diferentes esferas:

- Por exemplo, quando dialogam os enunciados da esfera do entretenimento com a esfera da política por meio de relações semântico-valorativas, como:

“Ele é incorruptível, implacável com bandidos e espanca políticos degenerados”. C
(06)

em diálogo com

“O partido de Obama é surrado nas urnas, mas, se a economia se recuperar, ele se salvará também”. C (06)

(b) entre enunciados de diferentes publicações:

- Entre chamadas das manchetes principais por meio de projeções semântico-valorativas:

“O partido do polvo”. C (03)⁵

“Exclusivo: o polvo no poder”. C (04)⁶

“A alegria do polvo”. C (05)⁷

(c) entre estilos de linguagem:

- na citação do enunciado de um sujeito e na consequente avaliação desse enunciado nota-se o estilo informal em contraste com o estilo formal:

“Caraca! Que dinheiro é esse?” C (05)

em diálogo com

“Vinícius Castro, ex-funcionário da Casa Civil, ao abrir uma gaveta cheia de pacotes de dinheiro, na reação mais extraordinária do escândalo que derrubou Erenice Guerra”. C (05)

(d) no enquadramento de discursos citados:

- Quando se enuncia diretamente e indiretamente a voz de um sujeito do discurso. Nestes casos, respectivamente, um funcionário da Casa Civil da presidência da República e a voz de assassinos confessos:

“Caraca! Que dinheiro é esse?” C (05)

em diálogo com

“40 assassinos confessos mostram o rosto e revelam a verdade perturbadora: por que os assassinos matam”. C (07)

(e) na intercalação de gêneros

Sobre a intercalação de gêneros podemos entender esse fenômeno discursivo como a inclusão de enunciados de um gênero em um enunciado de outro gênero, como uma carta dentro de um romance. Na perspectiva de Bakhtin (2003), todos os enunciados são atravessados por

⁵ n° 36 de 08 de set. de 2010.

⁶ n° 37 de 15 de set. de 2010.

⁷ n° 38 de 22 de set. de 2010.

outros enunciados, assim acontece a intercalação numa determinada relação dialógica sob interação social. Bakhtin (2003) afirma que não podemos minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e o caráter genérico do enunciado. Para Bakhtin (1998, p. 124-125),

Os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetivos, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra.

Portanto na capa de revista os enunciados intercalados são as chamadas de capa que trazem temas diferentes, por exemplo:

- (a) “Por que as mulheres vivem mais e melhor- e o que os homens podem aprender com elas” C(06).
- (b) Um golpe de Obama é surrado nas urnas, mas, se a economia se recuperar, ele se salvará também. Que dialogam com a notícia principal: “Ele é incorruptível, implacável com bandidos e espanca políticos degenerados” C (06). Assim, são enquadrados enquanto relações dialógicas.



C (06)

Como já dito em seção anterior, Bakhtin (2003) afirma que os enunciados são unidades reais de comunicação discursiva e que o discurso só se concretiza na forma de enunciados. Cada enunciado é único, concreto e irrepetível, nasce nas interações sociais e se constitui sempre como resposta a outros enunciados, num intercâmbio sociodiscursivo ininterrupto. As capas de revistas são consideradas como enunciados, pois são tecidas por diversas relações dialógicas e se constroem por posições valorativas.

Na “Capa 06”, constatou-se que a dimensão visual é projetada a partir de uma composição estilística. Além disso, as chamadas de capa são formas de enquadramento do discurso de outro(s) enunciado(s), que dialogam com a manchete principal. Uma vez que o gênero chamada de capa dialoga com a notícia. A chamada possui relação íntima com a notícia, à medida que se entrecruza a esse gênero e apresenta sua funcionalidade a ele subordinada.

Acosta-Pereira (2008) afirma que as chamadas de capa servem como indicadores de localização e persuasão, isto é, direcionam os leitores para determinadas páginas e/ou seções dos jornais, indicando determinadas notícias e convencendo-os a ler. Além disso, as chamadas de capa provocam reações de convencimento para a leitura, posto que nem todas as notícias possuem chamadas de capa, apenas as que foram categorizadas como destaque. Podemos perceber ainda na Capa (06), que o posicionamento do participante não se encontra direcionado ao leitor, o tema principal “O primeiro super herói brasileiro”, remete ao participante.

Acosta-Pereira (2008) explica que o posicionamento do participante central faz parte das projeções estilísticas composicionais da fotografia, uma vez que se discursiviza o movimento valorativo de distanciamento: “quando o participante está posicionado de lado ou seu rosto não está diretamente direcionado de frente para o leitor. Com o olhar desfocado para o leitor, a fotografia produz uma idéia de participante com desinteresse ou desatenção para o acontecimento que a notícia retrata.” (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 185).



C (10)

A capa, C (10), é produzida sob um escopo semiótico no qual a imagem central dialoga com o tema principal: Remédios para emagrecer: “Por que é ruim proibir a venda”. E com o subtítulo: “Milhões de brasileiros em guerra com a balança dependem deles e de seus médicos para perder peso e garantir uma boa saúde”. Evidenciando assim a intercalação dos gêneros que a forma. A fotografia produz uma idéia de valoração crítica do público consumidor de produtos estéticos. Segundo explica Acosta-Pereira (2008, p. 189):

As projeções estilístico-composicionais das fotografias nas notícias podem estar relacionadas com: a cor - a fotografia colorida possui efeitos valorativos diferentes daquelas em preto e branco, isto é, imagens fotográficas em cores apresentam uma aceitabilidade por parte do leitor do fato ocorrido maior que quando apresentadas bicoloridas (ACOSTA-PEREIRA, 2008 p. 189)

As capas da revista *Veja* são, portanto, enunciados constituídos nas interações por meio de diversas regularidades estilístico-composicionais e verbos-visuais, causando-lhe assim sentidos valorativos que constituem e materializam esse gênero.

Assim, sobre as relações dialógicas, concordamos com Bakhtin (2003), quando o autor afirma que cada enunciado é pleno de ressonâncias e ecos de outros enunciados e, portanto, de

enunciados do outro. Os enunciados não são indiferentes uns com os outros, mas se conhecem e se atravessam mutuamente; é esse atravessamento de reflexos mútuos que determina seu caráter. Além disso, essas relações com os enunciados do outro e, por conseguinte, com seus juízos de valor (quaisquer posições valorativas), eis tudo o que determina o enunciado e suas relações dialógicas.

Além disso, Bakhtin (2003) afirma que o enunciado, dialogicamente constituído e orientado, deve ser concebido como uma resposta aos enunciados precedentes, os já-ditos, e aos subseqüentes, os pré-figurados, posto este entrar em confronto de valores, idéias, posições com aqueles: “ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa sempre uma posição definida em uma dada esfera de comunicação [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 297). O autor argumenta que o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem considerá-las, é impossível entender o enunciado, como vimos na análise das relações nas capas acima. Dessa forma, podemos entender que dialogicamente os enunciados estão voltados não apenas para seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele (como nos exemplos das capas supracitadas).

Para o autor, os enunciados não são indiferentes entre si, pois uns conhecem os outros, se relacionam com os outros, se constituem em relação aos outros de forma dialógica. Essas relações apresentam-se sob diversas formas, posto que “o enunciado se verifica um fenômeno muito complexo e multiplanar [...] um elo na cadeia de comunicação [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 299). Os enunciados nascem do ponto de contato com a realidade concreta e nas condições de uma situação de interação verbal real. As relações dialógicas que se constroem entre os enunciados se constituem sob as mesmas condições. “Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros.” (BAKHTIN, 2003, p. 294). De acordo com o autor, todos os nossos enunciados são plenos de palavras dos outros, em diferentes graus de assimilação, de alteridade, de aperceptibilidade e de relevância. “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2003, p. 295).

Como explica Bakhtin (2003),

Em realidade, repetimos, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam. O falante não é Adão, e por isso, o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. [...] *Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado.* (BAKHTIN, 2003, p. 300, grifos nossos).

Para Bakhtin (2003), portanto, a relação com a palavra do outro é diferente da relação com o objeto, mas, para o autor, ela sempre acompanha o objeto. Em outras palavras, reenunciamos o autor que assim esclarece: “o enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e *ressonâncias dialógicas.*” (BAKHTIN, 2003, p. 300, grifos nossos).

Considerações finais

A presente pesquisa parte de uma análise descritivo-interpretativa do gênero do discurso capa de revista. Tendo como objetivo, compreender as relações dialógicas, presentes nas capas de revista *Veja*. Por meio da investigação, percebemos como se constituem as relações dialógicas, e como se tipificam na situação de interação. Em segundo momento, a análise, demonstrou como este gênero se constrói discursivamente por determinados recursos no estilo da mídia jornalística impressa. Entendemos através das regularidades encontradas nas capas da revista que, como afirma Bakhtin, os gêneros do discurso são enunciados típicos em uma determinada situação de interação, historicamente situados, culturalmente construídos e ideologicamente saturados. Em síntese, procuramos apresentar informações ao interlocutor acerca das relações dialógicas nas capas da revista *Veja*, perpassando assim, pelas diversas particularidades do gênero.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valorização*. Florianópolis, 2008. 229 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____ & RODRIGUES, R. H. *Perspectivas Atuais sobre Gêneros do Discurso no campo da Linguística*. Revista Letra Magna. UNISC, 2009. Disponível em: <www.letramagana.com.br>.

AUGUSTI, A. R. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

BAKHTIN, M. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. trad. Lúcia Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 31-38.

_____. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 207-293.

BAZERMAN, C. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez, 2007.

BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

PUBLICIDADE. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/marcas/Veja/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. São Paulo, 2001. 347p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica.

SILVA, N. R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 1990.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 28, 14 de jul. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 33, 18 de ago. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 36, 08 de set. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 37, 15 de set. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 38, 22 de set. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 45, 10 de nov. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 46, 17 de nov. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 43, n. 48, 01 de dez. 2010.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 44, n. 2, 12 de jan. 2011.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 44, n. 8, 23 de fev. 2011.

VILAS BOAS, S. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Sammus Editorial, 1996.